

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO JORNALISMO LITERÁRIO: ANÁLISE DA OBRA “QUARTO DE DESPEJO – diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus

Isabella Zamberlan (IC) e André Cioli Taborda Santoro (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo

O presente artigo científico tem como objetivo mostrar a origem do preconceito linguístico no Brasil; como nasceu, como se propagou e porque continua tão vivo em nossa língua, usando como base o livro “Preconceito Linguístico – O que é, como se faz” do professor e linguista Marcos Bagno. Para ilustrar esse fato que está arraigado em muitos produtos jornalísticos, mas principalmente no literário, optou-se por fazer a análise da obra Quarto de Despejo escrito por Carolina Maria de Jesus, e compilado com o auxílio do jornalista Audálio Dantas. A moradora da favela do Canindé, que hoje já não existe mais, pôde contar a sua história de vida através de seus diários, que falam de histórias de seu cotidiano com os personagens da vida real. Dantas optou por seguir fielmente os escritos da autora, mesmo com todos os erros de ortografia e concordância de quem chegou apenas até o segundo ano do ensino primário. Ao fazer a escolha de transcrever os relatos fidedignamente, ele automaticamente dá ênfase a uma imagem pouco retratada nos veículos jornalísticos: a da língua oral falada de acordo com o lugar de fala de cada um. E dessa maneira, Carolina pôde dar voz ao que aconteceu na São Paulo de 1955 e persiste no nosso país até hoje.

Palavras-chave: Jornalismo; literatura; preconceito linguístico.

Abstract

This paper aims to show the origin of linguistic discrimination in Brazil; how it has started, its development and why it is still so alive in our language. The book “Preconceito Linguístico – O que é, como se faz” by Marcos Bagno has been served as a basis. To illustrate this very common event in many journalistic products, but especially in the literary one, in this essay, the book “Quarto de Despejo”, written by Carolina Maria de Jesus, and compiled with the help of journalist Audálio Dantas, will be analyzed. Carolina has lived in “favela do Caninde”, which no longer exists, and she could tell her life story through her journals, speaking of stories of their daily lives with real-life characters. Dantas chose to follow strictly the writings of the author, even with all her misspellings and other grammar mistakes - Carolina has just taken classes up to the second year of primary school. By

making the choice to transcribe her reports with complete loyalty, Dantas has automatically emphasized an image that rarely appears in journalistic vehicles: the oral spoken language that refers to a person's place and circumstance. Therefore, Carolina could tell what happened in São Paulo, by 1955, which reality still happens in our country today.

Keyword: Journalism; literature; linguistic discrimination.

INTRODUÇÃO

O jornalismo nasce com a necessidade de contar histórias que aconteceram para outras pessoas. Dessa maneira, sua estrutura foi se desenvolvendo ao longo dos anos em que foi se praticando, e hoje conta com uma forma pré-programada de se contar o fato. Vindo de uma boa apuração, a história passa pelas mãos de um profissional que delimita o recorte, o enfoque e, principalmente, a maneira como o relato se apresenta.

Assim que são determinadas essas informações, é imprescindível estabelecer com que linguagem os textos serão passadas ao leitor. Em sua grande maioria, as matérias e notícias jornalísticas partem do modelo do *lead*, ou seja, apresentam informações cruciais no início do texto. E sendo assim, cumprem o papel de informar e oferecer ao público os dados necessários para que ele decida no que ele acredita. Sempre com um vocabulário formal, baseado nas normas corretas de ortografia e gramáticas, as histórias delineiam imagens concretas e objetivas na cabeça dos leitores.

Sendo assim, logo houve uma associação entre matérias e notícias com o português em acordo com a norma culta. Concordância verbal, numérica e de gênero; ortografia segundo o novo acordo e nenhum erro de redação em língua portuguesa foram intrinsecamente unidos à ideia da credibilidade. Senão está tudo correto, não recebe o reconhecimento que merece. Infelizmente, essa construção abriu portas para que existisse o preconceito linguístico. Todo e qualquer texto que não seguia estritamente as regras impostas ficou estigmatizado e deixou de ser considerado informativo.

E não somente esses textos sofreram com esse descrédito, muitas entrevistas feitas para corroborar argumentos, seja ele em matérias ou reportagens, também foram afetadas. Se o autor de célebres frases cometer determinado erro e elas forem publicadas com alguma marca de preconceito linguístico – como a partícula (*sic*) ou as aspas – para uma parcela da população, mais elitizada e intelectualizada, remete ao pensamento de que talvez aquilo que está sendo dito não seja verdade ou o locutor não tem propriedade suficiente para falar sobre aquilo. Essas marcas incitam ainda mais o estranhamento promovido pelo “erro”.

Para outra parcela da população que não frequentou todos os anos na escola, fala o português mais informal e para quem as regras não importam tanto assim, há mais empatia com relação à grafia errada de palavras, por exemplo. Mas em contrapartida, elas sentem falta de representação nos jornais impressos, e na maioria dos casos não leem pois não se reconhecem nos escritos que estão contidos lá. Essa divergência engrandece ainda mais o problema do preconceito, que não é um conceito novo no Brasil, mas que atinge novas proporções em relação à linguagem.

E sendo assim, a função do jornalista entrou, então, em pauta. Coube a ele repensar as bases em que estavam sendo escritas as matérias e trazer para dentro desse universo uma ideia nova, capaz de aumentar a identificação de seus leitores e, dessa maneira, despertar mais interesse por histórias que aconteciam no entorno delas. Ou seja, coube ao jornalista se soltar das amarras das normas da pirâmide invertida e criar assim um novo modo de escrever que incluísse um olhar mais subjetivo sobre os fatos.

Gay Talese explica essa nova concepção em seu livro “Aos olhos da multidão”, que ressalta que esse novo olhar empregado no texto serve para enriquecê-lo e não para depreciá-lo.

O New Journalism, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações diretas, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O New Journalism permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial (TALESE, 1973, p. 9).

Mas o mais inovador dessa nova categoria denominada jornalismo literário, foi a conquista do seu novo modo de se apresentar. Pautado na descrição, na leveza do texto e uma nova maneira de interagir com o leitor, esses textos logo ganharem o apreço do público. Escritos agora com uma narrativa mais próxima da língua falada, essa nova forma que foi pensada, leva o leitor para caminhos mais subjetivos e procura criar uma empatia necessária para o entendimento e o sucesso dessa nova fase.

E com isso, o estudo proposto aqui quer investigar como o jornalismo literário conseguiu transpor barreiras de preconceito, apresentando novas personagens que fogem a regra da norma culta e conquistaram seu espaço e reconhecimento por meio de um trabalho que, por jornalistas de pensamento arcaico, não mereceria ser nem reconhecido como jornalístico.

Após a identificação do problema, optou-se por analisar a obra escrita por Carolina Maria de Jesus, uma catadora de papelão que morava na favela do Canindé em São Paulo e contava sua história, da maneira que ela sabia, em diários. A oportunidade de publicação surgiu quando o jornalista Audálio Dantas conheceu seu trabalho e acreditou que aqueles pequenos relatos deveriam ganhar o mundo. Após a análise dos textos e das outras biografias convenientes ao tema, pode-se entender como esse preconceito, assim como qualquer outro; de qualquer tipo, tem sua raiz na disseminação da ignorância sobre o assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Preconceito Linguístico: conceitos gerais/ história

O Brasil nasceu como colônia de exploração de Portugal e, por isso, o conceito de preconceito está arraigado na nossa concepção. Quando os portugueses aqui chegaram, escravizaram nossos índios e impuseram sua língua sobre os moradores daqui. Segundo Aryon Rodrigues (1993, P.23), existiam aproximadamente 1078 línguas no território que foram extintas pelos colonizadores, pois julgaram o português mais importante que elas. Os idiomas indígenas foram suprimidos, e os falantes, obrigados a aprender novas formas de comunicação.

E o Estado Português, que logo após a independência se tornou o Brasileiro, ainda usou a língua portuguesa como forma de assegurar o seu poder; sendo assim, impôs a todos os habitantes e só reconhecia essa como legítima. Porém, a grande maioria da população era composta de escravos trazidos de outras nações que falavam a sua própria língua; e índios que só sabiam falar seus dialetos indígenas, e mesmo assim cada tribo possuía a sua, e por esse motivo ficava impraticável a comunicação pela fala.

Mas achar que uma maneira de falar é superior à outra configura um preconceito linguístico que se arrasta pela nossa sociedade até hoje. Marcos Bagno, em sua obra “A Norma Oculta - Língua E Poder na Sociedade Brasileira” afirma que esse preconceito é construído socialmente, e o que diverge da norma culta ensinada nas escolas é desordenado, sem sentido ou sem valor. Para ir de encontro a essa premissa, podemos citar o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva que constantemente comete erros de português e mesmo assim conseguiu chegar ao cargo político mais importante do país.

“Lula é um usuário extremamente competente dos múltiplos gêneros discursivos que tem à sua disposição - e este é o verdadeiro significado de saber 'falar bem' uma língua” (2003, p. 36)

Apesar da insistência sistemática na padronização do modo de falar que se tenta desde a colonização, a língua portuguesa há muito deixou de ser estática e única, englobando o modo oral na escrita. Para o autor, deveríamos dividir esse modo em três partes:

- a) Norma-padrão: para designar o modelo ideal de língua; algo que está fora e acima da atividade linguística dos falantes.
- b) Variedades de prestígio ou variedades prestigiadas: para designar as variedades linguísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização e vivência urbana.
- c) Variedades estigmatizadas: para designar as variedades linguísticas que caracterizam os grupos sociais desprestigiados do Brasil. (2003, pgs. 22 e 23)

E somente assim seria possível que o modo como determinada parte da população escreve não seja alvo de preconceito por parte de outra. A divisão seria praticável se não fosse uma utopia. Separar os modos de escrita dessa maneira traria diversas incompatibilidades para o sistema de ensino no Brasil, que já não sabe lidar com apenas um.

A educação nas escolas ainda é deficiente, principalmente pela proposição de que o português é uma língua difícil. O que é complicado, na verdade, são as sutilezas e as nuances que o português, pensado em Portugal, têm. Se as aulas de gramática levassem em conta o uso brasileiro do português, seria mais fácil aprender o idioma. Muitos detalhes aprendidos em sala de aula não são usados nas conversas do dia a dia, e por isso perdem a importância para muitos alunos.

Nossa sociedade baseia o seu código social na premissa de que existe um modo correto – que segue a norma culta – e um modo incorreto de escrever e falar. Os que usam a gramática normativa acham que tudo que escrevem ou leem é a verdade, pois seguem o que é ensinado nas escolas. Porém essa maneira diverge da cultura popular falada. O escritor Monteiro Lobato, na sua obra “Fábula”, escreve:

- Mostrengo ou monstrengo, vovó? – quis saber Pedrinho. Vejo essa palavra escrita dos dois jeitos.
- Os gramáticos querem que seja mostrengo – coisa de mostrar: mas o povo acha melhor monstrengo – coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramáticos insistam na forma “mostrengo”, o povo diz “monstrengo”.
- E quem vai ganhar essa corrida, vovó?
- Está claro que o povo, meu filho. Os gramáticos acabarão se cansando de insistir no “mostrengo” e se resignarão ao “monstrengo”. (2008, p. 15)

Mas todos sabem que o ensino da norma culta varia muito no nosso país e a partir disso nascem formas populares da escrita e da fala que são retaliadas por parte da população. No convívio social da sua comunidade, cada um reproduz o modo de falar que aprendeu. E com isso, outra pessoa, de outra comunidade, pode pronunciar a mesma palavra de outro jeito, e estará igualmente correta.

Algumas dessas variantes são características da idade, do meio onde o cidadão está inserido ou da própria classe social. E elas acontecem, pois, o indivíduo tem a necessidade de se sentir incluído em, por exemplo, um círculo social a que ele julga pertencer. O professor e linguista José Luiz Fiorin destaca esse mesmo aspecto na obra “O Direito à Fala”:

Saber português não é só aprender regras que só existem numa língua artificial usada pela escola. As variações não são fáceis ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes. “Como as línguas são variáveis, elas mudam.” (Apud 2002, p. 27, 28)

O maior exemplo dessa mudança aconteceu na época em que a língua portuguesa estava se formando. Palavras como *brando*, *cravo* e *dobro*, por exemplo, que se originaram do latim, anteriormente eram escritas - com o fonema L - *blandu*, *clavu* e *duplu*, respectivamente.

Como parte desse processo de atualização trocamos o fonema central da palavra, de L passou para R. Comum a todas as pessoas e incorporadas às regras de ortografia, não vemos nenhum erro ao dizê-las. Mas se alguém, por acaso, disser ou escrever *pranta*, *chicrete* ou *praca*, logo se instala o pensamento de que ele não sabe a norma culta e tem uma educação atrasada.

E apesar da língua escrita ser supervalorizada em detrimento da língua falada, quem não se comunica de maneira correta ainda é visto com muito maus olhos pelo restante da sociedade. Após anos de imposição, concluímos que a língua, há muito tempo, é usada como instrumento de doutrinação de seus falantes.

O preconceito linguístico está intimamente ligado à questão da injustiça social. Há quem pense que muitos dos que vivem à margem da sociedade teriam a vida resolvida se estudassem e soubessem a norma culta. Marcos Bagno, em seu livro “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”, deixa claro que esse pensamento é um absurdo. Ele explica:

O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto. (...) de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, e aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam a sua vida e a de seus concidadãos. (2006, p.70)

O domínio da norma culta não fará milagres se o indivíduo não tiver os seus direitos garantidos. É preciso haver infraestrutura básica como acesso à educação, aos bens culturais, à saúde, à habitação, ao transporte de boa qualidade e à vida digna, para que a mudança educacional tenha o efeito esperado.

Toda a sociedade precisa passar por uma mudança estrutural, pois o padrão estabelecido – onde uma camada necessariamente explora outra para se auto afirmar – não gera a possibilidade de ascender socialmente.

2. Junção de jornalismo e literatura

Jornalismo e literatura desenvolveram uma relação intrincada após o surgimento do que foi denominado jornalismo literário. Mas para entender como essas relações se criaram, é preciso entender as definições separadamente. Para o autor Antônio Candido,

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 1995, p. 174)

Segundo ele, a literatura é o motor que faz as sociedades se manterem como são, contando suas histórias e disseminando seus conhecimentos. O ser humano sempre foi capaz de contar, através de gerações, as peculiaridades que o cercam. Os contos, lendas e provérbios advêm dessa necessidade de reflexão e de dar asas à imaginação. Literatura nem sempre lida com fatos, mas enxerga a realidade através de outros olhos.

Em contrapartida, o jornalismo nasceu da necessidade de se relatar algum acontecimento para outra pessoa. A partir do aperfeiçoamento da técnica, da escolha da escola e do estilo que o jornalismo ia seguir, delimitaram-se os recortes e a forma como cada matéria ia ser escrita. O compromisso com a verdade, a apuração e uma forma de escrita de acordo com a norma culta, fez do jornalismo o que ele é hoje.

Em seu papel fundamental de informar os relatos, permitir que haja um espaço público de debate, seguir as normas éticas da profissão e acima de tudo ser imparcial naquilo que escreve, o jornalista reúne em torno de si um papel de destaque

O jornalista possui um papel fiscalizador, filtro de tudo o que acontece de relevante e que deve ser transmitido à sociedade. Por isso, o jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que comentam os fatos do momento. (KOSZYK; PRUYS, 1976 apud KUNCZIK, 2002, p.16)

Entretanto, enquanto existir o pensamento de que literatura é uma obra ficcional e que não tem de lidar com a fidelidade à veracidade dos fatos, não será possível entender como esses dois tópicos se unem sem que haja perda de suas características principais. O nascimento do jornalismo literário possibilitou a união dos estilos de texto, criando uma nova modalidade para informar o leitor.

A revista *Piauí* (...) se identifica com várias características do jornalismo literário. Percebe-se, nas reportagens analisadas, uma preocupação em informar – objetivo próprio do jornalismo - aliada à ênfase nos meios de expressão – característica própria da literatura. Mais do que informar, a revista propõe um entendimento acerca da contemporaneidade, rompendo com o conceito da atualidade e fugindo dos definidores primários. (PIAUI, 2009, online)

É possível haver uma união entre as duas modalidades sem que elas percam suas características mais importantes. Servem como fonte de informações precisas sobre determinado fato ou acontecimento histórico e também oferecem ao leitor uma maneira de se relacionar com o que lhe é proposto. Como grande exemplo do que foi a força dessa

nova narrativa, pode-se citar Euclides da Cunha, ex-jornalista renomado que relatou a Guerra de Canudos, que aconteceu entre os anos 1896 e 1897, em um livro que é uma das obras literárias mais renomadas do nosso país: Os Sertões. É o jornalismo oferecendo uma nova visão e outra perspectiva para uma boa apuração.

3. Apresentação da obra “Quarto de Despejo – Diário de uma favelada”

Carolina Maria de Jesus, moradora da extinta favela do Canindé, escreveu durante anos a história da sua vida, mas nunca houve uma oportunidade de contá-la ao mundo. Até aparecer em sua vida, o jornalista Audálio Dantas.

Dantas é a personagem secundária da história, mas foi de importância crucial para a edição do texto e o sucesso desse livro. Foi durante a gravação de uma reportagem na favela que ele entrou em contato com Carolina e percebeu que o material que ela havia escrito, era melhor que qualquer outra matéria que ele poderia registrar. Somente a visão de um morador seria fidedigna o suficiente para contar aquela história.

Para manter a narração da maneira que ela a fez, o jornalista alterou certas pontuações e algumas palavras que poderiam gerar incompreensão da leitura. Foi preciso cortar alguns episódios e selecionar os trechos mais importantes, para que os relatos contassem os detalhes sem cansar o leitor. Um dos temas mais recorrentes durante a vida de Carolina preenche inúmeras páginas do livro - e por isso Dantas foi obrigado a fazer os cortes para deixar a narrativa fluir – e reitera ainda mais o tamanho do problema que assola muitos moradores que vivem nessa situação.

“A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina”. (DANTAS, 2014, prefácio)

“*Quarto de Despejo*” nasceu em um dos 20 diários que Carolina de Jesus escreveu durante a sua vida, apesar de ter estudado apenas até o segundo ano do primário de uma escola. Ela sente muita dificuldade para escrever, mas isso não é um empecilho para que tudo o que acontece na rua A, número 9, localizada na favelada do Canindé, seja contado com detalhes e emoção no livro.

O enredo é composto, principalmente, por sua família. Ela e seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Os quatro moram em um barraco e Carolina luta todos os dias para trazer o que comer para dentro de casa. Há dias em que há fartura, normalmente quando a perua do Centro Espírita passa e doa mantimentos para os que mais necessitam, mas também havia dias em que ela não conseguia nem o dinheiro para o pão.

“Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo”. (2014, p. 41)

Trabalhando como catadora de papel, ela batalha todos os dias, muitas vezes até tarde da noite, catando tudo o que encontra e vendendo para quem quiser pagar.

A situação dentro de casa ainda tem um agravante: não há água encanada. Todas as manhãs, ela ou João José, sai para encher a lata com a água que vem da bica, para preparar o café da manhã e as demais refeições (quando elas existem). É sempre uma tortura para ela, pois há a chance de se encontrar com alguma vizinha e ter que dar satisfação da sua vida. Não há nada pior para Carolina, porque ela afirma que na favela não existe solidariedade.

Os filhos normalmente são alvo das queixas dos vizinhos, ela conta, por exemplo, que com 9 anos João José foi intimado para depor na delegacia por se desentender com um vizinho. Ela sempre é julgada por suas atitudes, ou porque não bate o suficiente nos filhos, ou porque não é casada e não tem um homem dentro de casa.

Apesar das mazelas, Carolina é muito bem resolvida com a vida que leva, ela não se deixa abater por essas coisas pequenas. Carolina tem uma teoria para explicar esse seu modo de vida:

“Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...). Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar nada para viver, resolvi armazenar paciência”. (2014, p.18)

Ela teve muita calma, e perseverou o bastante para escrever sua história durante cinco anos e nutrir o sonho de ser escritora. Contou sua relação com os filhos, os vizinhos, os amigos, a rejeição do governo e a fome. Cada detalhe foi importante para enriquecer a imagem que ela pintou dos tempos da favela do Canindé, de onde ela surgiu e rezava todos os dias para se mudar o mais rápido possível. O sonho de ter o nome estampando a capa de livro virou realidade em 1960, e desde então ela tem se dedicado a nova carreira.

4. “O quarto de despejo”: a fala da autora/ personagem como indicador de preconceito ou estratégia de construção de personagem?

A narrativa literária possui elementos que a caracterizam; dentre eles há destaque para o enredo, tempo, espaço e, principalmente, para as personagens. Sendo esse último o de importância crucial para o bom funcionamento da narrativa. É ele quem vai envolvendo quem lê, página a página, até o ponto em que identificação com a situação narrada é

inevitável. Essa relação é muito importante para garantir o sucesso de que a mensagem que se quer passar seja entendida.

O uso desse artifício não é exclusivo somente de narrativas literárias, sendo elas ficcionais ou não, mas é também uma ferramenta importante para jornalistas. A partir do momento que a fonte começa a dar sua versão dos fatos, ela se torna personagem da história que o autor está delineando em suas matérias. É imprescindível que essa relação seja a mais aberta possível e que haja sempre uma pluralidade de vozes para garantir uma boa apuração.

Quando o jornalismo literário veio para unir essas duas vertentes e possibilitar a entrada da narrativa nas matérias que são escritas seguindo os manuais jornalísticos, houve uma fusão entre a ideia de autor e personagem. Criou-se outra ideia que foi defendida pelo autor Mikhail Bakhtin em seu livro “Estética da Criação Verbal”

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. (BAKHTIN, 2003, p.11)

Para ser capaz de descrever com exatidão qualquer situação é preciso estar inserido na narrativa ao ponto de não saber onde começa a personagem e termina o autor. É dessa maneira que se dá toda a narrativa de Carolina Maria de Jesus em seu livro “Quarto de Despejo”. É ela, moradora da favela, negra, com dois anos de escolaridade, que conta a história da sua própria vida. Fala com propriedade sobre as situações que acontecem ao seu redor, discorre sobre a fome, a falta de dinheiro, as péssimas condições de moradia e os abusos do governo. Não seria possível conhecer com a riqueza de detalhes que ela explana se, por acaso, o autor não vivenciasse aquela realidade cruel todos os dias.

Foi para garantir essa veracidade que Audálio Dantas, organizador do livro, optou por manter todas as histórias de Carolina da maneira que elas foram escritas inicialmente.

Fui ver o livro. E pela primeira vez entrei no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. E vi os cadernos do guarda-comida escuro de fumaça. Narrativa diária da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de fôrma, sem tirar nem pôr. Eu vi eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria tôda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no sêco escrever. Foi por isso que eu disse assim para Carolina Maria de Jesus, lá mesmo, na horinha que lia trechos de seu diário: “- Eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro.” (DANTAS, 1960)

Ele foi acusado de forjar as escrituras e inventar a personagem durante o processo de preparação do livro. Acusaram-no de ele mesmo ter sido autor dos textos, mas seria

impossível para ele, que não é morador da ex-favela do Canindé, não conhece a vizinhança e não passou por todas aquelas provações, contar tudo aquilo que foi descrito durante as quase duzentas páginas do livro.

Manter as palavras de Carolina na íntegra ajudou a aperfeiçoar e dar mais credibilidade ao texto do livro, mas também suscitou novas discussões sobre o preconceito linguístico. Os casos de preconceito linguístico acontecem corriqueiramente e são propagados todos os dias, sejam eles na mídia impressa, online ou na televisão. Muitos entrevistados se sentem lesados ou até mesmo caluniados quando suas falas são marcadas com símbolos jornalísticos do preconceito da nossa língua. No início das publicações o livro foi fortemente criticado por analistas que diziam que Audálio cometeu os mesmos erros de preconceito e depreciou a personagem, pois a fez parecer semi-analfabeta. Entretanto ele fez justamente o contrário, quis mostrar com todas as letras a realidade que espreita e que é pouco comentada, pois as pessoas que estão inseridas nela não têm nenhuma voz ativa.

O livro compilado por Dantas mostra que não é preciso seguir o modo formal e sintático do português para passar aos leitores o recado. Carolina Maria de Jesus não sabia as regras gramaticais e mesmo assim conseguiu o privilégio de ter seus diários publicados e, mais importante, expor, pelo menos em parte, como é a vida dessas pessoas que vivem à margem da sociedade e são a parcela alvo das repreensões constantemente veiculadas pelas mídias e praticada por seus leitores.

METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo principal a busca de respostas para os seguintes questionamentos: porque o jornalismo ainda carrega embutido em si um pensamento preconceituoso linguisticamente e como o jornalismo literário e as personagens que fogem à regra imposta podem ajudar a desconstruir esse pensamento arcaico. Para elucidar essas respostas, escolheu-se trabalhar com a obra “Quarto de Despejo” da autora Carolina Maria de Jesus. A pesquisa foi desenvolvida por meio dos métodos bibliográfico e qualitativo, o que significa que os dados analisados não são métricos e por isso, passíveis de alteração dependendo do motivo estudado. E para assegurar os resultados, as análises foram feitas com base na leitura dos textos usados como referência bibliográfica e referencial teórico. Sendo assim, duas propostas foram seguidas:

- Leitura e análise dos conceitos de preconceito jornalístico e como ele se dá nos veículos midiáticos, propostos nos livros usados como referência.

- Leitura e análise da obra 'Quarto de Despejo – Diário de uma favelada', da catadora de papel Carolina Maria de Jesus com a supervisão do jornalista Audálio Dantas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O preconceito linguístico é um tema que está sempre em alta nas discussões nos grupos de amigos. Alguém que pronunciou uma palavra errada, ou que escreveu com “s” uma palavra que deveria ter sido escrita com “c”. Muitos condenam um colega, ou um conhecido por cometer o erro. Mas uma grande parte dessas pessoas somente reproduz discursos vistos e disseminados pela grande mídia.

Veículos de comunicação escrita, por vezes, perpetuam a ideia de que se não sabe falar de acordo com a norma culta, não merece o devido respeito. É preciso que haja uma análise cuidadosa de como os canais de comunicação devem se portar em relação ao assunto. Muitas marcas linguísticas como (sic), por exemplo, evidenciam ainda mais o erro. O autor diz algo que não condiz com os padrões impostos, e o jornalista coloca essa marca de linguagem ao lado para deixá-la ainda mais evidente, e acaba gerando um desconforto para o entrevistado.

Muitos leitores ao verem esse tipo de comportamento, logo pensam que se o jornal ou a revista age dessa maneira, qualquer erro é passível de reprimenda. Como, por exemplo, o caso do policial reformado Rubi Ferreira Costa, que em entrevista a uma rádio local de Rondônia disse que o site que publicara sua entrevista, a manipulou. Ele prometeu entrar com uma ação na justiça, mas na hora de se explicar, cometeu um erro. A redação da notícia optou por deixá-lo assim:

Aqui pra encerrar, as pessoas têm de tomar cuidado com o que fazem. Tô falando desse site, porque esse site aí já está sob suspeição [sic] da Câmara. Não pode usar site de funcionário ligado a prefeito para, inclusive, forçar a Justiça, inclusive encurralar a Justiça, encurralar a Câmara (...)" (ONLINE, 2015)¹

Muito recentemente, tratamos aqui no país de um caso em que um médico debochou de um paciente que não sabia pronunciar corretamente as palavras pneumonia e raio-X. O caso viralizou na internet e levantou muitos questionamentos com relação ao preconceito. É inevitável que esse comportamento nos lembre sobre as adversidades no país. Aqui, muitas pessoas não têm a oportunidade de chegar à universidade ou até mesmo até o fim do ensino fundamental, mas nem por isso não merecem crédito pelo que dizem. Se o trabalhador que se consultou com o médico não sabia a pronúncia certa da palavra, não

merece ser diminuído por outra pessoa que julga ser melhor porque sabe a maneira correta de pronunciar essas palavras.

A fim de quebrar esse paradigma, Audálio Dantas enfatiza a personagem da vida real Carolina Maria de Jesus e mostra que, apesar dos erros cometidos por ela, os escritos que ela deixou são a prova de que a falta de alfabetização não é um empecilho para seguir um sonho. Quando a opção de deixar os textos na íntegra foi feita, Dantas desnudou a personagem tal qual ela é de verdade, sem maquiagem ou floreios no texto. Sua vida é daquela maneira, triste, sofrida e com nuances de tragédia que não poderiam ser descritas da maneira como foram se a personagem não estivesse inserida no cenário em questão. E para dar a devida representação a ela, o mais justo era retratá-la da maneira mais digna que ele encontrou.

O livro é um marco para o jornalismo literário no Brasil, pois corrobora a ideia de que o imprescindível para se contar uma história é dar voz ao autor e não moldá-lo como a sociedade espera que ele seja. Carolina publicou muitos outros livros, chegou a ter uma carreira internacional, e tudo só pôde ser conquistado pois ela anotava em seu caderno desgastado, na favela, suas histórias de fome, sofrimento e pobreza. Grande parte do sucesso que o livro atingiu veio justamente da escolha de não editá-lo ao modo gramático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo convencional mostrou toda a sua importância através dos anos e criou seu próprio modo de reportar os fatos que acontecem no entorno. Por meio de uma apuração impecável, bom contato com as fontes e o olho clínico para definir o recorte, os veículos estão repletos de um material sólido e de boa qualidade. Entretanto, houve a necessidade de uma renovação no tipo de texto, para algo que fosse mais leve e gerasse mais identificação com o leitor. Como o convencional não pode se desfazer de todas as amarras e continua seguindo muitas regras de manuais e livros de gramática, a maneira encontrada para unir harmonicamente o bom texto apurado – e de qualidade informativa – e uma linguagem mais leve foi a criação do jornalismo literário.

Conclui-se que munido de mais liberdade criativa, as histórias contadas nesse tipo de texto mostram outras facetas e nuances dos relatos e com isso conseguem um retrato mais humano e condizente com a realidade descrita ali. A transformação da fonte em personagem é o cerne do jornalismo literário, e para tanto é necessário uma imersão total na realidade que a cerca ou a permissão para que quem escreva sua própria história seja ela – assim como em Quarto de Despejo. A aproximação com a realidade faz com que o texto fique mais sensível, mais verdadeiro, possibilitando mais identificação com quem o lê.

As histórias são feitas para passar emoção, criar empatia com o que está sendo lido, demonstrando que não existe certo e errado quando se faz narração – questões gramaticais são meramente um detalhe.

A partir da leitura do livro de Carolina Maria de Jesus nota-se que tudo o que está contido naquelas páginas é fruto da sua vida sofrida, sem nenhuma maquiagem. O rompimento com o arquétipo da literatura, que consiste em dar voz apenas à elite branca, intelectual e rica, foi a causa principal de estranhamentos quando o livro foi lançado. Mas é justamente por essa quebra que o livro enriquece tanto a literatura e virou um marco sobre o assunto. A pluralidade de vozes encontrada naquelas páginas vindas do lixão não poderia ficar calada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico – O Que É, Como Se Faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. A Norma Oculta - Língua E Poder na Sociedade Brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DANTAS, Audálio. em “Nossa irmã Carolina. Apresentação do livro "Quarto de despejo", São Paulo: Francisco Alves, 1960

FIORIN, José Luiz. O Direito à Fala. São Paulo: Parábola Editorial, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LOBATO, Monteiro. Fábulas. São Paulo: Globo livros, 2008.

KUNCZIK, Michael. Conceito de Jornalismo: Norte e Sul. São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 2002.

TALESE, Gay. Aos olhos da multidão. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

¹Acessado em 04/08/2016 < <http://www.rondoniadinamica.com/arquivo/vereador-militar-de-medici-garante-perseguiacao-a-orgao-de-comunicacao-da-cidade,101760.shtml>>

CONTATO: isazamberlan@yahoo.com.br e andre.santoro@mackenzie.br